

Contribuições à Psicanálise desde a Periferia

Nelson Neto

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas contribuições do que se pode chamar Psicanálise desde a Periferia. Para tanto, são abordados o programa de formação psicanalítica elaborada desde Freud na defesa da sua interdisciplinaridade constituinte e da possibilidade de abertura, para uma prática analítica mais coerente com o contexto territorial brasileiro, considerando as estruturas históricas de violências que marcam diferentes territórios em que a Psicanálise está inserida na atualidade, considerando as interseccionalidades que compõem analista e analisando.

Palavras-chave: Psicanálise, Interseccionalidade, Interdisciplinariedade

Nas palavras de Freud (2011 [1923], p. 301), a psicanálise “está sempre incompleta, sempre disposta a ajustar ou modificar suas teorias”. Neste sentido, este trabalho busca refletir as tensões e possibilidades de constituição de uma Psicanálise desde a Periferia, por meio de vozes particulares, mas que não desconsidera todos os diferentes arcabouços teóricos outros que também podem estar incluídos neste trabalho.

Interessa a preposição ‘desde’, pois é dentro dela que também se deve estar incluída a preposição ‘para’, e também está sua oposição à preposição ‘na’. Pensar ‘desde’ é deslocar-se da perspectiva dada pelas cosmologias acadêmica, econômica, política, histórica e cultural colonialista como citadores de gente do Norte. A presente perspectiva deste trabalho tem interesse em subverter esta lógica para reivindicar o lugar periférico como um lugar de autoria e de produção no campo psicanalítico. Lugar este que não tem interesse de colonizar, mas de exercer outro labor que ressignifica o próprio sentido de periférico.

É assim que a preposição ‘desde’ pode deslocar o ‘problema-sintoma’ que se impõe do lugar a ser dissecado, explicado e entendido, para ser um possível mínimo denominador comum que pode negar, ampliar, contribuir ou até mesmo devolver questões reformuladas, acrescidas, reificadas, transpassadas desde este lugar contraditório onde já não se enuncia apenas como psicanálise, mas como Psicanálise desde a Periferia escrita por quem interessa a quem interessar.

Não cabe no momento deste trabalho uma historiografia dos conceitos, por ser necessária a construção de uma obra maior, escrito com muitas outras mãos. Portanto, o resultado das reflexões aqui trabalhadas se dedicará em um primeiro movimento trazer

elementos fundamentais do que o próprio criador da Psicanálise, Sigmund Freud, traz em sua extensa obra do que se entende por uma formação psicanalítica como uma defesa de uma programática objetiva do percurso de constituição de um sujeito no mundo periférico como psicanalista.

O segundo movimento deste trabalho tem como proposta tratar tais disciplinas considerando a ideia de periférico para além da suposição de subalterno, mas com suas potências e privilégios de produção de epistemologias e práticas para o campo em aberto.

Por fim, este trabalho traz contribuições que se consideram relevantes à reflexão da constituição desta produção para uma prática analítica que respeita o chamado tripé da Psicanálise: análise individual, ensino e supervisão. Sem desconsiderar as particularidades dos territórios e sujeitos em que este tripé se dá.

Da raiz interdisciplinar da Psicanálise

A história da Psicanálise, e suas diferentes tendências desde a Europa e Américas, já foi e continua sendo extensivamente construída no Ocidente, desde sua criação a partir dos primeiros trabalhos publicados em 1896 por Freud e seus colaboradores. Em resumo, a Psicanálise é pautada “na exploração do inconsciente, com a ajuda da associação livre, por parte do paciente, e da interpretação, por parte do psicanalista”, como apontam Roudinesco e Plon (1998, p. 603). Além disso:

[...], dá-se o nome de psicanálise:

1. ao tratamento conduzido de acordo com esse método;
2. à disciplina fundada por Freud (e somente a ela), na medida em que abrange um método terapêutico, uma organização clínica, uma técnica psicanalítica, um sistema de pensamento e uma modalidade de transmissão de saber (análise didática, supervisão) que se apoia na transferência e permite formar praticantes do inconsciente;
3. ao movimento psicanalítico, isto é, a uma escola de pensamento que engloba todas as correntes do freudismo. (Ibidem)

Esta síntese apresentada colabora para a exposição do caráter interdisciplinar que exige o modelo de constituição da disciplina psicanalítica. Esse caráter interdisciplinar permeia toda a obra produzida por Sigmund Freud, e aqui se destaca o processo construção da formação do analista na sua defesa pela entrada de pessoas fora dos círculos médicos de seu tempo.

Abrir a Psicanálise para qualquer pessoa que deseja a formação, por si só, já coloca a disciplina para contribuições nas mais diversas trajetórias de saberes. Ainda assim, para Freud, a formação:

[...] deve abranger material das ciências humanas, de psicologia, história da civilização, sociologia, e também da anatomia, biologia e história da evolução. Nele haverá tanta coisa a ensinar, que se justifica deixar fora da aula o que não tem relação direta com a atividade analítica e pode contribuir apenas indiretamente, como qualquer outro estudo, para o treino do intelecto e da capacidade de observação. (Freud, 2014 [1926], p. 220)

Ainda no campo da programática formativa interdisciplinar da psicanálise é possível considerar que se de um lado o modelo terapêutico é alimentado por diversas disciplinas, ela também pode colaborar às contribuintes:

Ao investigar os processos psíquicos e as funções intelectuais, a psicanálise segue um método próprio, cuja **aplicação não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião**. Nesse sentido, ela já forneceu novos pontos de vista e trouxe **importantes esclarecimentos em questões de história da literatura, mitologia, história das civilizações e filosofia da religião**. Portanto, esse curso geral deveria também ser aberto aos estudantes dessas áreas da ciência. A fecundação dessas outras disciplinas pela psicanálise certamente contribuirá para forçar um vínculo mais sólido entre a medicina e os ramos de saber da filosofia e das artes, no sentido de uma *universitas literarum*. (Freud, 2010 [1919], pp. 380-381. Grifo do autor)

Neste ponto cabe trazer para a construção dessa reflexão em torno do aspecto interdisciplinar o lugar em que se dá a transmissão da psicanálise. A contemporaneidade brasileira debate a criação da graduação em Psicanálise e elenca a problemática desta autorização institucional governamental. Com ênfase, é preciso combater toda e qualquer tentativa de vincular o modelo terapêutico freudiano ao ensino universitário. Mais adiante este trabalho se dedicará no aprofundamento da institucionalização e suas formas de transmissão em um contexto de contribuição ao que está em construção nesse exercício a uma Psicanálise desde a Periferia. Por ora, há o reforço do argumento freudiano em torno da via possível de aprendizagem analítica:

Se os representantes das várias ciências humanas aprenderem a psicanálise para aplicar os métodos e abordagens desta ao seu material, não bastará que se atenham aos resultados consignados na literatura psicanalítica. **Terão de aprender a conhecer a análise pela única via possível, submetendo-se a uma análise eles próprios**. [...]. A realização dessas análises vai requerer

certo número de analistas para os quais conhecimentos médicos terão pouca relevância. (Freud,2014 [1926], p. 215-216)

Espera-se que, neste ponto, o presente trabalho tenha apresentado alguns aspectos importantes do programa geral de formação em Psicanálise apresentado pela própria obra freudiana. O que segue é a possibilidade de contribuição que a perspectiva periférica dá a cada uma dessas disciplinas na intersecção com a psicanálise.

Não é objetivo construir uma historiografia dos diferentes movimentos criados no chamado Sul Global, como já citado acima. Sejam eles os chamados Estudos Subalternos, os Estudos Latino-americanos, as Teorias Decoloniais, Pós-coloniais, Contracoloniais e Feministas, cada uma é contribuinte da luta contra o regime colonial, racial e capitalista que se articula concomitantemente no sujeito cisheteropatriarca.

O momento é frutífero das mais diversas produções intelectuais nas Ciências Sociais, na História, na Antropologia, nos Estudos Literários que reposicionam a Periferia Global, ou seja, qualquer que seja o sujeito disposto e oportunizado de fazer saber fora dos centros coloniais e do Norte Global.

O importante a ser destacado é perceber como alguns campos científicos e de outros saberes começaram a se debruçar sobre como os sujeitos estão constituídos social e culturalmente a partir das diferenças, e não pela diversidade. Dois conceitos que podem ser melhores explorados para a contribuição à Psicanálise desde a Periferia.

Por Periferia entende-se não só região dada como nossa-americana carregada por uma ficção colonizada, e colonizadora, que perpassa a construção da própria história não só a partir daqui, mas toda e qualquer região que foi localizada historicamente fora do centro.

Há uma escolha evidente de chamar América Latina de Nossa América. O processo de colonização em Nossa América resulta ainda na necessidade de um profundo processo de autoconsciência incluindo o social, o econômico, o político, os sujeitos, a cultura e as relações com a natureza.

La única posibilidad de que emerja una [Nuestra] América autoconsciente es la de encontrar el modo de unir [Nuestra América] en el plan de sus élites sindicales, culturales y políticas – y evidentemente de pensamiento – para que generacionalmente, em grupo, sentimiento y haciendo sentir su existencia comience, por primera vez, la unidad independiente y autónoma de la que fue una [Nuestra] América unida, pero colonial, y siempre heteronomía – heteronomía cuyo centro se ha situado en Europa y desde hace algún tiempo igualmente en Estados Unidos. (DUSSEL, 1983, p. 144)

É preciso um trabalho de envolvimento de diferentes frentes epistemológicas, o que também inclui as elites, sobretudo de pensamento, constituídas desde as periferias, o que passa também pela própria ideia de Nossa América para além do ensaio do cubano José Martí (1891) trazida pelo filósofo argentino radicado no México Enrique Dussel. Mas também se envolver com os trabalhos de mulheres como a chicana Gloria Anzaldúa (2005) e sua obra “La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência”, e a brasileira Lélia Gonzalez (1988) em sua obra “Por um feminismo afro-latino-americano”. Ambas autoras que trazem ideias importantes de como o colonialismo e os sistemas estruturais de racismo forjam, durante a história até nosso cotidiano, sujeitos vulnerabilizados e precarizados em direitos, além de assaltados de sua própria herança cultural. Assim, acredita-se que não haverá possibilidade de que emerja uma Nossa América sem haver a reflexão dos efeitos sobre o inconsciente e consciente que o colonialismo e o neocolonialismo impõem sobre quem está nas Periferias. Neste ponto destaca-se o trabalho de mulheres como Neusa Santos Souza (1983), Sueli Carneiro (2011), Beatriz Nascimento (2019), e tantas outras; além de homens como Abdias Nascimento (2016).

A própria história da Psicanálise freudiana demonstra as estratégias subjetivas que cada um de seus autores, incluindo o considerado o pai do modelo terapêutico, precisaram se utilizar para resistir aos mais diversos ataques aos seus membros. A exemplo, a necessidade de buscar membros que não fossem judeus, em uma Era em que a serpente eclodia de seu ovo. Do mesmo modo que houve coragem de tirar aqueles que, do seu ponto de vista, já não faziam mais sentido para a contribuição da estabelecida Psicanálise.

Todos são Periféricos, por mais branco que pareça e acredita ser, cada um carrega em si um Nome do Pai, um pai Outro que o nomeou via violência. Sejam bem-vindos e bem-vindas periféricos que aprenderam a língua dos violentadores e que agora descobrem que podem mais do que apenas aprender e replicar esta mesma lógica.

Os incultos desejantes e por onde aprendem Psicanálise no presente futuro

A primeira parte deste trabalho tentou se aproximar de uma contribuição para um programa formativo pensado a partir do que está dado como uma Psicanálise desde a Periferia. Espera-se, de quem lê este exercício, não aguarde uma bibliografia completa, ou uma historiografia dos conceitos, mas que tenha em vista a oportunidade de se

aproximar de epistemologias descentralizadas que colaboram em cada uma de sua área a um modo de pensar que pode ser inserido na teoria psicanalítica mais próxima do contexto nossa-americano, em especial ao contexto brasileiro, portanto periférico.

Passa-se agora a uma atenção que Freud dedicou em sua obra, que diz respeito ao acesso à análise. Parte imperativa do tripé formativo.

Não deveria ser novidade que o contexto brasileiro excluiu e ainda exclui uma ampla população de diversos acessos básicos do seu cotidiano. Educação, Saúde, Trabalho Digno, acesso à água potável, para citar alguns. E o que dizer sobre o acesso à Psicanálise?

É possível concordar que a terapêutica está para todos, mas que a estrutura não. E é preciso entender, àqueles que vivem na fantasia colonialista, que não se justifica se abster ou ser neutro sobre a quem está, de fato, disponível o seu divã.

[...] quero abordar uma situação que pertence ao futuro, que para muitos dos senhores parecerá fantástica, mas que, a meu ver, merece que tenhamos o pensamento preparado para ela. Os senhores bem sabem que nossa ação terapêutica não é muito extensa. Somos apenas um punhado de pessoas, e cada um de nós, mesmo trabalhando esforçadamente, pode se dedicar apenas a um número escasso de doentes. Na abundância de miséria neurótica que há no mundo, e que talvez não precise haver, o que logramos abolir é qualitativamente insignificante. Além disso, as condições de nossa existência nos limitam às camadas superiores da sociedade, que escolhem à vontade seus próprios médicos, e nessa escolha são afastadas da psicanálise por todo gênero de preconceitos. Para as amplas camadas populares, que tanto sofrem com as neuroses, nada podemos fazer atualmente. (Freud, 1929, p. 290)

A questão que fica é: como é possível que as Periferias possam desejar análise quando se à elas próprias são negadas, das mais variadas modalidades neoliberais, acesso ao programa analítico? Sem a pretensão de se tentar uma resposta a questão, é importante ressaltar que nas duas últimas décadas, e com todas as críticas possíveis, determinas políticas públicas deram acesso à universidade a alguns grupos vulnerabilizados e precarizados pelo sistema atual.

Este acesso capenga e problemático também resultou em uma mínima mobilidade econômica destes determinados grupos. O futuro que Freud aponta começou chegar depois de um século: “não tenho dúvida de que o acerto de nossas hipóteses psicológicas impressionará também os incultos, mas teremos de buscar a mais simples e palpável expressão para nossas teorias” (Ibidem, p. 291).

Como resultado já é fato observado uma quantidade de coletivos de psicanálise formados nos mais diversos territórios intraperiféricos, ou seja, nas favelas, nos

quilombos, nas cidades dormitórios das grandes metrópoles, dentro das ocupações, no interior dos movimentos sociais.

Estes são os lugares que se constituem uma certa origem do que se é chamado aqui de Psicanálise desde a Periferia, e não necessariamente em institutos que construíram sua digna e conservada reputação no modelo europeu. Que não é diferente, não é mais ou menos de uma suposta Psicanálise canônica, mas um modelo psicanalítico que oportuniza uma orelha que luta constantemente contra o entupimento que a chaminé neoliberal impõe na atualidade. Ainda sobre os institutos, retorna-se a defesa freudiana de que qualquer pessoa pode praticar a psicanálise:

[...] os candidatos se submetem eles próprios à análise, recebem instrução teórica, com aulas em todos os assuntos relevantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e experientes, quando lhes permitem fazer as primeiras tentativas em casos mais leves. Calcula-se aproximadamente dois anos para essa formação. Naturalmente, após esse tempo o indivíduo é apenas um iniciante, não é ainda um mestre. O que ainda falta precisa ser adquirido na prática e pela troca de ideias nas sociedades psicanalíticas, em que membros mais jovens se encontram com aqueles mais velhos. A preparação para a atividade analítica não é simples e fácil, o trabalho é duro e a responsabilidade é grande. Mas quem passou por essa aprendizagem foi ele próprio analisado, compreendeu o que hoje se pode ensinar da psicologia do inconsciente, está informado da ciência da vida sexual e aprendeu a difícil técnica da psicanálise, a arte da interpretação, o combate às resistências e o manejo da transferência, *esse não é mais um leigo no campo da psicanálise*. Está capacitado a empreender o tratamento de distúrbios neuróticos e poderá, com o tempo, realizar tudo o que se pode requerer dessa terapia. (Freud, 2014 [1926], p. 187-188)

De modo mais ou menos definido o tripé defendido pelo programa freudiano é executado dentro dos coletivos, via análise individual com honorários mais acessíveis, contribuições voluntárias para participação dos encontros teóricos, e com supervisões coletivas, mesmo com todas as dificuldades das mais variadas. Contudo um fenômeno é trazido para a atenção deste trabalho.

No fim do início deste percurso não são resultantes de todo o tripé apenas psicanalistas. Há um resultado de território que complementa. São Psicanalistas desde a Periferia. Entretanto, da periferia que localiza quem tornou-se psicanalista.

O conceito de interseccionalidade situada proposta pela antropóloga israelense Nira Yuval-Davis (2015), que tem como trabalho central de investigação o forjamento das identidades a partir de um amplo conjunto de marcadores, pode ser considerado um conceito chave para o entendimento do que está aqui sendo defendido como Psicanálise desde a Periferia.

A interseccionalidade é a abordagem mais válida para o estudo sociológico da estratificação social porque não reduz a complexidade das construções de poder em uma única divisão social, incluindo a classe, como tem sido habitualmente o caso nas teorias de estratificação. Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que eu não vejo as diferentes divisões sociais que constroem as relações de poder como aditivas, “cruzadas” e entrelaçadas, e sim mutuamente constituídas (embora ontologicamente irredutíveis uma à outra), formando particulares nuances e significados contestáveis de determinados locais sociais em momentos históricos particulares, em contextos sociais, econômicos e políticos particulares em que algumas divisões sociais têm mais saliência e efeito. (YUVAL-DAVIS, 2015, pp. 93-94, tradução do autor).

Portanto, pode-se dizer que a orelha analítica constituída é justamente a intersecção mais particular possível que diferencia a Psicanálise desde a Periferia das outras ditas canônicas. Ou seja, não é mais uma orelha forjada pela fantasia sintomática colonialista, neoliberal, cisheteropatriarcal e racista.

Por fim, a Psicanálise desde a Periferia entende seu exercício como ofício, ou seja, como uma especialidade. Mas também entende quem a executa como trabalhador. Diferente do sentido de ofício, o trabalho tem o esforço despendido para alcançar um resultado, é remunerado financeiramente ou não, e é também fonte de sustento de quem vive nas Periferias. Entender o ofício analítico como trabalho, e quem o executa como trabalhador tem lugar importante para a constante atenção contra a fumaça que o neocolonialismo e o neoliberalismo joga sobre todos e todas. Fumaça essa que cega, asfixia e ensurdece.

Este trabalho não tem a intenção de fechar uma reflexão contributiva do que se é uma Psicanálise desde a Periferia, mas de em primeiro aproximar quem tem interesse em desenvolver uma prática analítica mais autêntica e atenta à escuta periférica. Ainda há muito o que se feito para que a psicanálise ética possa estar disponível efetivamente não só ao analisando, mas também a quem deseja passar do divã para a poltrona do analista.

Referência Bibliográfica

- ANZALDÚA, Gloria. “La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência”. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, vol. 13, n. 3, p. 704-719, dec. de 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2005000300015> Acesso em: jul. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. “Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil”. São Paulo: Selo Negro, 2015.
- DUSSEL, Enrique. “¿El ser latinoamericano tiene pasado y futuro?” In: ALVEZ, L. J. G (Org.) *Filosofia de la historia Latinoamericana*. Bogotá: Editorial El Búho, 1983. p. 133-151.
- FREUD, Sigmund. “‘Psicanálise’ e ‘teoria da libido’ (1923)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 273-307.
- _____. “A questão de uma análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial (1926)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, 124-230.
- _____. “Caminhos da terapia psicanalítica (1919)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 277-292.
- _____. “Caminhos da terapia psicanalítica (1919)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 277-292.
- _____. “Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? (1919)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 377-381.
- _____. “Psicologia das massas e análise do Eu (1921)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 13-113.
- _____. “Sobre psicanálise selvagem (1910)”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, 324-333.
- GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afro-latino-americano”. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2016.
- NASCIMENTO, Beatriz. “A Mulher Negra e o Amor”. Org. Heloisa Buarque de Hollanda et al. In *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, MICHAEL. “Dicionário de psicanálise”, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 603.

SOUZA, Neusa Santos. “Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social”. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

YUVAL-DAVIS, Nira. “Situated intersectionality and social inequality”. França: *Raisons politiques*, vol. 2, no58, pp. 91-100, 2015. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-raisons-politiques-2015-2-page-91.htm>> Acesso em: jul. 2024.